



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A REPRESENTAÇÃO DO “INSÓLITO CONTEMPORÂNEO” NOS ROMANCES *BALADA DA INFÂNCIA PERDIDA* E *PELO FUNDO DA AGULHA* DO ESCRITOR ANTÔNIO TORRES

Amanda da Silva
Mestranda UEFS
amanda_uefs@yahoo.com.br

A literatura passa por cima da distinção entre o real e o imaginário, entre o que é e o que não é. Pode-se inclusive dizer-se que, por uma parte, graças à literatura e à arte esta distinção se torna impossível de sustentar. (TZEVAN TODOROV)

A chamada pós-modernidade deu ao mundo outra configuração de valores e de crenças, abalando para sempre o plano das certezas, agora o que impera é a indeterminação. Sendo a arte – no caso aqui representada pela literatura – um instrumento que representa a realidade, quando não antecipa as mudanças, é levada depois a retratá-la. A citação acima nos remete a essa ‘função’ da literatura, uma vez que a ficção literária muitas vezes é o retrato de uma época, nesse sentido o real e o imaginário de fundem de tal maneira que “se torna impossível de sustentar” qualquer distinção.

O insólito na literatura nos remete ao mágico, ao fantástico e ao maravilhoso, por serem nessas categorias que o termo teve destaque a longo da história literária, levando-nos a mundos estranhos e a acontecimentos fora da realidade. Esse tipo de literatura está marcada universalmente por clássicos com *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes; *Cem anos de solidão*, de Gabriel Garcia Márquez, *Pedro Páramo*, de Ruan Rulfo e pelos contos de fadas que acompanham a literatura há tempos.

No século XX o fantástico perdeu o fôlego e uma nova categoria do insólito surgiu a partir das obras de Franz Kafka, Jean Paul Sartre, dentre outros, nas obras desses autores o incomum surgia na existência do próprio homem, as transformações pelas quais a sociedade passou após a revolução industrial fez surgir no humano conflitos existenciais, decorrentes da tecnicidade que abarcou além dos modos de produção, a vida, antes regida pela crença religiosa, em que a vontade de Deus era



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

incontestável, passando agora a ser regida pela razão, baseada nos fundamentos científicos.

Essa mudança desorientou o homem, pois se antes existia uma certeza – a vontade de um Deus – via-se agora diante de tantas possibilidades mas sem orientação, os resquícios da moral cristã, do princípio do bem e do mal atormentaram o homem e o que se seguiu foram incertezas, traumas, angústia, solidão e um ser humano fragmentado em sua essência, será essa a concepção de insólito tratada neste trabalho, o insólito contemporâneo reflete a condição do sujeito dessa nova época. Essa nova configuração social refletiu-se na literatura, como pontua Tailane Rodrigues:

o mundo organizado de repente se desorganiza, sobrevém então o desequilíbrio e as personagens oprimidas passam a viver o clima do absurdo, isso então seriam as características de um “insólito contemporâneo” que lida com o coletivo e a vida pública, problematizando-os. (RODRIGUES, 2007, p. 92)

Sartre em seus romances e ensaios filosóficos preocupou-se com o existencialismo, com a busca de uma essência que preceda o existir. Após a segunda grande guerra mundial o mundo transformou-se e o equilíbrio extinguiu-se da vida humana, o acelerado processo de industrialização e modernização exigiu muito do homem deixando-o perdido em meio a tantas mudanças.

Exceção a parte, a literatura africana de língua portuguesa é hoje um expoente da literatura fantástica, com escritores de destaque como o moçambicano Mia Couto e o angolano José Eduardo Agualusa, dentre tantos outros. Angola e Moçambique, juntamente com Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, são países que têm uma história de libertação do sistema colonial recente, conquistaram suas independências após o 25 de abril de 1974, que pôs fim os 48 anos de ditadura militar em Portugal. O fantástico nessa perspectiva passa mais pela perda da tradição, não deixa de ser uma nostalgia dos tempos passados em face da incompreensão das mudanças presentes.

Assim sendo, a literatura não se exime de refletir as mudanças pelas quais passa o lugar de onde se fala. No Brasil, a literatura produzida a partir de 1970, do século passado, tinha tanto um caráter experimental quanto um eco de denúncia, reprimida e censurada pelo regime militar que imperou no país após o Golpe Militar de 1964, até 1985, quando da eleição de Tancredo Neves para Presidente da República decorrente da



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

intensa mobilização popular pelas eleições diretas entre 1983-1984, conhecida como Diretas Já.

A experimentação se deu pela “manipulação” textual, como coloca Silviano Santiago (1982, p. 52) são “textos que se filiam ao realismo dito mágico e que, através de um discurso metafórico e de lógica onírica, pretendem, crítica e mascaradamente, dramatizar situações passíveis de censura”, por outro lado surgiu a literatura engajada, de cunho mais jornalístico, que buscava denunciar e registrar documentalmente esse período da história.

Antônio Torres, baiano, nascido no pequeno povoado do Junco – hoje cidade de Sátiro Dias – iniciou sua atividade literária em 1972, com o romance *Um cão uivando para a lua*, bem recebido pela crítica e pelo público, foi logo apontado como uma revelação das letras brasileira, o que se consolidou em 1976 com *Essa terra*, um dos livros mais marcantes da literatura brasileira contemporânea, traduzido para diversos países, como França, Inglaterra, Estados Unidos, dentre outros. Em 2000 foi agraciado com o prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra, tendo assim seu reconhecimento definitivo no âmbito da literatura brasileira, contando hoje com mais de 15 títulos publicados.

Em grande parte de suas publicações o tema gira em torno do retirante nordeste, embora sua escrita não seja de cunho autobiográfico, há traços de sua história em muitos dos seus personagens. Torres toma como ponto de partida o conflito entre as origens pacatas do interior do Brasil, muitas vezes o Junco de sua infância, e a urbe onde a superpopulação não encontra espaço para a convivência pelo ritmo frenético que as grandes cidades impõem ao indivíduo. O que podemos chamar de um projeto literário do escritor, ganha força com a renovação que este consegue empreender em cada obra que segue esse viés temático.

Balada da infância perdida, publicado em 1986, recebeu o Prêmio PEN Clube do Brasil como melhor romance, em 1987, foi aplaudido pela crítica, com forte conotação histórica, mas não uma “reprodução histórica” – o personagem é um nordestino que migrou para o eixo Rio – São Paulo na décadas de 60 e 70 em busca de novos horizontes. Conforme documenta a história, o acelerado processo de industrialização do Sul e do Sudeste na década de 70 atraiu inúmeros imigrantes do Norte - Nordeste buscando melhores condições de vida.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Sabendo que literatura e história se cruzam a todo instante, mas que cada uma tem seu lugar e não podem ser confundidas, pois

apesar de o mundo real participar na formação dos mundos ficcionais ao proporcionar os modelos da sua estrutura, o mundo ficcional é sempre um conjunto imenso de domínios diversificados que acomodam os mais diversos indivíduos possíveis, assim como estado de coisas, eventos, ações etc. (DOLEZEL, 1988, p. 83 *apud* NOA, 2006, p. 268)

Portanto, não devemos esquecer que o mundo ficcional é uma atividade textual, mesmo sendo dependente, até certo ponto, de múltiplas visões de mundo, individuais ou coletivas, que acabam por legitimá-la como representação.

O narrador-personagem do romance é um publicitário em plena crise dos 40 anos, que depois de ir a uma festa depois do expediente encontra um velho conhecido que o convida para “tomar uma para comemorar o reencontro”, recebendo depois um convite para uma festa na casa de um cônsul, enquanto o outro procurava animá-lo para a curtição sua cabeça pensava em sua situação:

[...] vai estar assim de mulher lá, ele disse, mas eu estava pensando era no meu trabalho, em algo ouvido pelos corredores da empresa sobre renovação de quadros, a diretoria parece que não anda muito satisfeita com o desempenho da equipe, esta falando na necessidade de sangue novo, gente com mais garra, mais brilho, gana, tesão, numa palavra: AMBIÇÃO, estou avançando perigosamente pelos degraus da casa dos quarenta, já perdi a vontade de vencer na vida, que dia mesmo é que vou dançar? Hoje é um ótimo dia para ir a uma festa, claro, porque já não tinha pensado nisso antes? (TORRES, 1999, p. 25).

Nada melhor do que um porre para esquecer os problemas, foi essa a conclusão do personagem. Acompanhou o colega à festa do Cônsul, sentiu-se fora de órbita em meio a tantas pessoas que não conhecia, mas tinha bebidas a vontade e logo estava bêbado e passando vexame,

Resultado: voltei no olho da madrugada, depois de ter perdido o “meu amigo” de vista. Pior: não comi ninguém e agora amargo uma brutal carraspana, enquanto falo para as paredes do meu quarto e conto caixõezinhos azuis. Há quanto tempo, hem, meus anjinhos? (TORRES, 1999, p. 25)

A atormentado por sonhos e alucinações sobre um primo que se matou de beber cachaça, passa a uma mistura de sonho e realidade que nos confunde a todo momento. De porre, com insônia e preocupado em não perder a hora de trabalhar, às cinco horas da manhã de um típico dia de verão carioca, o calor se mistura a ressaca e delírios,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

recordações e pequenos momentos de lucidez se alternam, numa *balada* de rememoração do passado e projeção do futuro, que começa pela visita dos caixõezinhos azuis, lembrança de sua infância e sua vasta família de 24 irmãos, muitos falecidos ainda na infância, como tanto outros, que formavam o cortejo fúnebre de caixõezinhos azuis que agora vinham lhe visitar.

E durma-se com um barulho desses.
A princípio eram dezenas, que passaram às centenas e foram se multiplicando por milhões.
Impossível contá-los.
Tudo o que eu sei é que é um belíssimo desfile de caixõezinhos azuis, carregados por meninos e meninas de azul e branco, em intermináveis filas uniformizadas: até parece o Dia da Pátria. Uma festa.
E um imenso alívio: cada caixãozinho é menos uma boca no mundo.
Como bom cristão que cumpre o seu dever, eu os sigo.
Ora pegando numa alça, ora na simples condição de acompanhante.
De vez em quando tento identificar, no meio do cortejo azul, os meus dois irmãozinhos que choraram uma noite inteira até apagarem para sempre, como as cigarras, que cantam até pipocar.
Procura inútil.
Estes anjos são todos iguais e há muito já perderam as feições de seus rostos.

(TORRES, 1999, p. 13).

Com uma forte conotação social, do romance *Balada da infância perdida* emerge questões bastante complexas, como a disparidade socioeconômica e cultural entre as regiões do Brasil, as lembranças do narrador quando criança perpassam pela dura realidade que enfrentava, de família nada abastada, relegados a própria sorte no interior do Nordeste, muitas crianças morriam, como os irmãozinhos do personagem, pelo descaso do poder público em não oferecer a assistência médica e social necessária para a sobrevivência destes, essas lembranças pode estar associadas à perda da mãe que morreu de parto: “Um por ano. Como é que pode uma mulher parir um atrás do outro até chegar à conta de duas dúzias? Duas dúzias de gente, uma ninhada como se fosse pinto. Parir, parir, parir até morrer (TORRES, 1999, p. 63).

As lembranças da mãe surgem em meio ao turbilhão de lembranças e incertezas futuras que vêm à tona nessa noite de ebriedade, ainda vista com o porto seguro que não mais existe, nessa noite o narrador-personagem sonha com a mãe lhe visitando e trazendo de presente um tanque encantado, referência das suas vivências da época da ditadura militar

E atenção, muita atenção. Novas imagens na parede: tanques. Tanques de guerra sobre os caixõezinhos azuis.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

São Paulo, 31 de março/1964.

Quatro da tarde.

Urgente.

— Está dando no rádio — disse uma mãe aflita ao telefone. Era isto: o Mackenzie estava em pé de guerra. E a filha dela estava lá dentro

(TORRES, 1999, p. 32).

A história que segue conta os prodígios alcançados por meio do tanque de guerra encantado, em que salva a moça que estava presa na Mackenzie e juntos vão parar numa festa no bairro do Pacaembu, festa de pessoas importantes, com a presença de muitos americanos, onde o tanque encantado faz o maior sucesso e vira objeto de desejo. Em seu delírio assusta-se com as cotoveladas de sua mulher pedindo para parar de conversar e dormir, reage como nos tempos passados:

[...] enfio a cabeça por baixo da cama, para me certificar se não há nenhuma autoridade, militar ou civil, de gravador em punho, registrando os acontecimentos. Ok, paranóia total. Essa nóia eu carrego comigo há muito tempo, vê se me entende.

Nada a temer, porém. Pelo menos por enquanto não há nenhuma patente, fardada ou à paisana, nem em cima nem debaixo da minha cama. Devem estar dormindo no bem-bom de tão cantado berço esplêndido, enquanto eu não consigo pregar o olho e os meus vizinhos esperneiam, exigindo silêncio, ordem e respeito. Que se danem. (TORRES, 1999, p. 17).

As lembranças do tempo em que a ditadura era uma realidade e a vigia sobre o que se falava tinha de ser constante assusta o personagem nesse momento, resultado do temor que o acompanhou durante boa parte de sua vida em que viveu perante o regime militar. É importante ressaltar que as referências textuais a fatos históricos ocorridos no Brasil não estão sendo tratados nesse trabalho como representações reais dos acontecimentos, como pontua Fabiana Ferreira referindo-se *A balada da infância perdida*:

[...] não podemos considerar os “fragmentos identificáveis da realidade” como referências em si mesmos. Deslocados do campo referencial primeiro, tais fragmentos perdem a força semântica que possuíam no contexto original e ao serem recolocados em outro contexto passam a estabelecer novas relações com a realidade ficcional da obra. Em BIP, os “fragmentos” dos fatos históricos e sociais do país não funcionam como documento fidedigno de determinado período da história do Brasil (2010, p. 93).

Ora, a realidade ficcional baseia-se num mundo projetado pelo escritor e que pela própria natureza do literário não corresponde a realidade a qual estamos inseridos no mundo “real”. O romance não se atém a nenhum momento histórico do país, as



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

menções desses acontecimentos servem para situar o leitor em meio a confusa prospecção empreendida pelo personagem, um balanço na vida de alguém que não tem mais vontade de lutar, de tão desiludido que está com o rumo da vida e não visualiza mudanças positivas.

Outro “personagem” importante no romance é o caixão preto que se apresenta em meio aos caixõezinhos azuis, e quando estes desaparecem o outro se instala no seu quarto deixando-o curioso: “Falando em bom português: quem haveria de ser essa insólita visita, encadernada de preto, que sem a menor cerimônia invade o meu quarto e que, impassível, fica à espera de que eu a decifre? (TORRES, 1999, p. 57), a partir desse momento suas hipóteses sobre o dono do “pesado esquife” perpassam pela lembrança de pessoas queridas que já estão mortas: a mãe; a tia Madalena, mãe de Calunga e Calunga, seu primo.

A mãe morreu de parto, depois de 11 filhos, chegou o momento em que “nossa senhora do bom parto” não pode ajudá-la, o filho se salvou mas ela se foi. As recordações do aconchego materno são ternas e nostálgicas: “E ela tinha sempre alguma coisa muito boa para nos dar. Os doces mais incríveis. As canjicas mais fantásticas. Só coisas gostosas, que nos faziam lambe os beijos e pedir mais” (TORRES, 1999, p. 65); Tia Madalena, mãe de Calunga, sempre disposta a ajudar o próximo, alguém que “nunca negou um copo d’água, um prato de comida e dois dedos de prosa a quem deu com os costados em sua casa, a qualquer hora do dia ou da noite (TORRES, 1999. p. 74); o primo Calunga era quase um irmão, sua morte o deixou bastante abalado, aos 40 e poucos anos foi consumido pelos vícios do álcool e da cachaça, por uma vida desregrada desde a juventude, companheiro de muitas aventuras, essa noite de embriaguez trás toda uma vida compartilhada com o amigo.

Já o romance *Pelo fundo da agulha* trata da primeira noite de aposentado do personagem Totonhim, que chegou a São Paulo muitos anos antes fugindo – e ao mesmo tempo indo ao encontro – do tormento do suicídio de seu irmão mais velho Nelo, que fracassou no sonho de vencer na cidade grande e voltou para o interior para se enforcar. É o terceiro romance da trilogia iniciada com *Essa terra* em 1976 e seguida por *O cachorro e o lobo* de 1997, no primeiro romance conhecemos a família de Totonhim – pai, mãe e doze filhos – e o drama da família com o suicídio do filho mais velho, Nelo, após voltar de São Paulo vinte depois de sua partida, bem com a partida de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Totonhim, o filho caçula, seguindo o caminho trilhado pelo irmão agora morte. O segundo romance é dedicado ao pai do personagem, o ‘lobo’ que se recusou a deixar a vida do campo quando a mulher resolveu ir para a cidade colocar os filhos para estudar, Totonhim empreende uma viagem ao Junco vinte anos após sua partida, para visitar seu pai e a terra onde nasceu.

Pelo fundo da agulha é um relato das crises vividas pelo personagem, depois de vinte anos da visita a sua terra de natal. Em uma perspectiva subjetiva e imaginária, Totonhim refaz o percurso de sua trajetória de vida e revisita as cidades por onde passou, com fragmentos de memória e hipóteses oníricas do que foi ou poderia ter sido a sua história. Conforme arrazoia seu narrador imaginário,

Depois do enterro do irmão, ele veio para São Paulo, de onde o outro retornara, para se enforcar nos confins da terra em que nascera. E aqui está, na cidade dos que vêm e vão, vão e vêm. Eis aí a rotação, o movimento pendular dos sem-chão: ir-e-ir, vir-e-ir. Haja estrada. Ele, porém, viera de vez, aos 20 anos, numa viagem sem volta. Mas bem que agora gostaria de regressar ao colo da sua mãe, para saber como ela viu o mundo pelo fundo da agulha da máquina de costura que serviu para vestir todos os filhos. E também para dar boas risadas com seu pai, como na última vez que se encontraram, e ter o prazer de ouvi-lo dizer de novo, de boca cheia, na sua entoada voz de terra, mato e sertão:

— Eita! Não se morre mais! (TORRES, 2006, p. 66).

O romance todo se passa na primeira noite de aposentado de Totonhim, do momento em que se deita até o momento em que adormece, nesse período toda sua vida é repensada, todas as perdas e ganhos que a migração lhe proporcionou, o personagem imagina várias situações de retorno, como seria recebido, como seria o contato com os familiares, em especial com a mãe, com quem mantém diálogos calorosos em muitas passagens do livro, sendo que é ela o motivo do título do romance, por estar com mais de oitenta anos e ainda ter a visão tão boa ao ponto de ainda conseguir enfiar a linha no fundo da agulha e exercer seu ofício de costureira tão bem a essa altura da vida

O personagem Totonhim é uma síntese do homem da pós-modernidade, que muitas vezes tem de se deslocar de sua terra de origem em busca de melhores oportunidades seja de trabalho, estudo, melhores condições de vida, dentre outras. Totonhim saiu de um lugarejo no interior da Bahia com o intuito de traçar sua história de vida diferente da história de seu irmão. Conseguiu se tornar um funcionário público, formar uma família, mas não se encontrou enquanto pessoa. . Nessa retrospectiva chega a seguinte conclusão: Agora se sentia como um marinheiro que perdera o barco do



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

tempo — olha lá onde já vai; acabou de sumir na linha do horizonte! —, deixando-o plantado à beira de um cais imaginário, sem saber que rumo tomar (TORRES, 2006, p. 36).

Aposentado, separado da mulher e convivendo pouco com os filhos, nessa noite a sensação de solidão o invade profundamente, as lembranças do Junco, local onde nasceu e que constitui suas referências familiares, afetivas, enfim, os laços que estabeleceram sua personalidade, por outro lado, a vida presente, essa São Paulo tão distante de suas emoções, em que viveu grande parte de sua vida e onde não conseguiu sentir-se pertencente a ela; essa sensação de não-pertença, singular no sujeito fragmentado dessa era pós-moderna.

Pelo fundo da agulha apresenta-se como um romance psicológico que traz o peso de uma vida "vazia", de uma identidade despedaçada sem completude em qualquer sentido. Ao analisar sua trajetória de vida, Totonhim imagina tudo diferente, o que pode significar que o preço pago pela busca de melhores escolhas e oportunidades não fosse tão compensatório assim, olhando agora da perspectiva de um velho perdido no espaço do tempo e da memória e também no espaço geográfico.

Vejamos a impressão que a cidade e a vida moderna deixaram em Totonhim. Essa é a frase inicial do romance *Pelo fundo da agulha*: "Era outra a cidade, e outro o país, o continente, o mundo deste outro personagem, um homem que já não sabia se ainda tinha sonhos próprios" (TORRES, 2006, p. 7). Esse fragmento nos mostra a dimensão do que a aposentadoria de Totonhim fez despertar na sua própria consciência de vida: "outra cidade" que não era certamente o Junco, lugar de memória; "outro país" que não era o que se imaginou um dia; "outro mundo", com um modo de vida totalmente diferenciado; enfim, o "outro" que reflete ele próprio, que embora seja a "mesma" pessoa, não tem mais a completude do seu ser, pois vive a fragmentação de sua identidade e a incompreensão desse processo.

Quando ocorre o deslocamento, o indivíduo passa a conviver com a fragmentação de sua identidade. Hall já afirmou que "a identidade é irrevogavelmente questão histórica", acreditamos que a identidade seja um constante vir a ser, nunca está pronta e acabada, e quando o indivíduo se lança no desconhecido, a identificação que tinha com seu local de nascimento não é apagada, mas transformada e passa a fazer



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

parte das múltiplas identificações inerentes ao sujeito deslocado; portanto, não se tem identidade, mas identidades.

Não é uma tarefa simples tratar de deslocamento/migração, seja entre países, seja dentro do próprio estado-nação, pelo fato de ser um ato quase sempre forçado, hoje não mais pela busca de exílios políticos ou por fuga de guerras, mas por busca de condições financeiras melhores, fuga de fome e de condições adversas várias. A mobilidade é, sem dúvida, uma condição do nosso tempo e se o lugar de origem não oferece as oportunidades desejadas, as pessoas vão em busca de seus sonhos. Alguns alcançam seus objetivos — profissionais, porque o deslocamento por si só já é certeza de incompletude —, como o personagem Totonhim; outros fracassam e nem conseguem retornar à terra natal, passando a fazer parte da grande massa de desabrigados, desempregados, enfim, de desamparados.

Como Freud já propunha esses momentos oníricos e delirantes dos personagens dos romances de Antônio Torres podem ser classificados como estranho no sentido de suas realidades psíquicas, suas vidas estão inseridas em um contexto que não lhes proporcionam tranquilidade psíquica. O insólito contemporâneo apresenta-se justamente nesse sentido, os personagens estão em conflito constante consigo, tentam compreender a situação em que se encontram e se valem de momentos introspectivos, no primeiro caso consequência de uma bebedeira, no segundo trazido pela insônia e pela incerteza em relação à vida futura de aposentado:

O homem da cama riu. Estava a recordar-se de uma música dos *bons tempos*, que tocava nos serviços de alto falantes e nas rádios do interior. Teriam sido tão bons assim, aqueles tempos? Pelo menos eram mais simples, quando ainda se sonhava com um mundo a ser inventado, não exatamente este que está aí, do qual fugiria, se pudesse, para a Lua, onde, quem sabe, devia haver um porto seguro e gente feliz, por não ter espelhos. Lua, oh, Lua! (TORRES, 2006, p. 45) [grifos do autor].

Como percebemos pelo trecho acima, no balanço empreendido por Totonhim fica claro que os velhos tempos traziam mais satisfação e proporcionavam mais segurança e felicidade, um contraste com a vida na cidade grande em que se vivia com medo de tudo a todo tempo.

O narrador-personagem d'A *balada da infância perdida* quando acorda de seu sono delirante dá de cara com a realidade dura e cruel em que está inserido:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O despertador disparou

Não, logo agora que eu estava na melhor parte do meu sono.

[...]

Mas cadê os caixõezinhos azuis que estavam aqui? E o caixão preto? Inacreditável. Roubaram os meus caixões. Fantástico. Criiiiiiiiiissss! Você não viu quem roubou os meus caixões? É mesmo incrível, mas roubaram tudo. Estão roubando tudo. Até isso. (TORRES, 1999, pp. 171-172).

O personagem parece acreditar que seu sonho/delírio foi uma realidade e questiona a esposa, Cris, sobre o paradeiro de seus caixões e convicto afirma que foi roubado, o fato de fazer parte de uma sociedade em que o roubo é uma constante o faz ficar aturdido e ao mesmo tempo desapontado. Os temas retratados por Torres alcançam a encruzilhada trazida pela nova concepção pós-moderna, pois a incerteza agora faz parte desta e os personagens são exemplos desse ‘nó’ que se formou em trono do humano: a sensação de não-pertença a lugar algum.

Referências

COSTA, Fabiana Ferreira da. *A mimesis, os estudos culturais e a Balada da infância perdida: a literatura em questão*. Pernambuco, 2010. Tese (doutorado em teoria da literatura) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Letras.

NOA, Francisco. Modos de fazer mundos na actual ficção moçambicana. In: CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia (org.) *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006.

SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982

TODOROV, Tzvetan. *Introduction à la littérature fantastique*. Paris: Editions du Seuil, 1970. [Trad. bras.: *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975].

TORRES, Antônio. *Pelo fundo da agulha*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

TORRES, Antônio. *Balada da infância perdida*. Rio de Janeiro: Record, 1999.



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina